SciELO Preprints

Estado da publicação: O preprint foi publicado em outro meio.
DOI do preprint publicado: https://doi.org/10.25189/2675-4916.2026.v7.n3.id942

Análise de discurso digital e a língua de bruma

Mônica Ferreira Cassana

https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.14049

Submetido em: 2025-11-26
Postado em: 2026-03-26 (versão 2)
(AAAA-MM-DD)

Justificativa da versão: Atualização de dados

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.14049

Tipo de trabalho:
relato de pesquisa

Análise de discurso digital e a língua de bruma
Digital discourse analysis and the mist language

Mônica Ferreira Cassana
Doutora em Letras
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Programa de Pós-graduação em Letras
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre/RS
Email: monica.cassana@ufrgs.br
https://orcid.org/0000-0003-1541-1374

Resumo: Neste artigo, abordamos, à luz da Análise de Discurso materialista (Gadet e Pêcheux [1981], 2010), como as noções de língua e sujeito são afetadas pelas condições de produção conformadas pelo discurso digital. Analisamos, a partir de teorias que se avizinham e, por vezes, se sobrepõem, como a formação social capitalista neoliberal produz seus efeitos na consolidação de saberes relacionados à produtividade e à efemeridade, possibilitados pela assunção das redes sociais e pelas relações entre sujeito e produção de linguagem na máquina/ pela máquina (Paveau, 2023). Além disso, investigamos como os efeitos produzidos nessas condições provocam, no espaço das redes sociais, formas de linguagem outras, que rompem com o imaginário de uma língua homogênea, autoritária e de controle. Considerando um *corpus* reunido de um arquivo ainda em construção, cuja leitura se dá ao mesmo tempo em que se assiste às constantes mudanças em um mundo atravessado pelos efeitos do digital, analisamos alguns conteúdos que dizem respeito às *trends* de cortes de palavras que "viralizam" na rede social TikTok e às diretrizes de conteúdo para circulação da linguagem em redes sociais como a plataforma de vídeos YouTube. Como possíveis conclusões, arriscamo-nos a pensar nas possibilidades do dizer que inscrevem, frente a outras formas de língua, uma língua de bruma, que obscurece o dizer ao mesmo tempo que faz o sujeito inscrever-se na linguagem, de qualquer modo.
Palavras-chave: Análise de Discurso; Sujeito; Discurso digital.

Abstract: In this article, we discuss, in the light of Materialist Discourse Analysis (Gadet and Pêcheux [1981], 2010), how the notions of language and subject are affected by the conditions of production shaped by digital discourse. Drawing on theoretical perspectives that are contiguous and, at times, overlapping, we examine how the neoliberal capitalist social formation produces effects in the consolidation of knowledges related to productivity and ephemerality, made possible by the emergence of social networks and by the relations established between the subject and the production of language within/by the machine (Paveau, 2023). Moreover, we investigate how the effects produced under these conditions generate, in the space of social media, other forms of language that rupture the imaginary of a homogeneous, authoritarian, and controlling language. Considering a *corpus* assembled from an archive in construction—whose reading unfolds in parallel with the ongoing transformations of a world traversed by the effects of the digital — we analyse contents related to trends of word-cutting that "go viral" on the social network TikTok, as well as the content guidelines governing the circulation of language on video platforms such as YouTube. As possible

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.14049

conclusions, we venture to think of the possibilities of saying that, when inscribed alongside other forms of language, delineate a *mist language*— one that both obscures discourse and, at the same time, enables the subject to inscribe themselves in language, in any way whatsoever.
Keywords: Discourse Analysis; Subject; Digital discourse.

Introdução

Pêcheux e Gadet falam, em seu texto publicado em 1981, *A língua inatingível*, sobre o real da língua e suas relações com a história. Atentos às mudanças pelas quais o mundo passava à época, pelo questionamento sobre o objeto da linguística e pela instauração de novas discursividades no mundo, os autores abordaram as muitas transformações da língua a partir da perspectiva da Análise de Discurso materialista. A preocupação dessa teoria com a questão do sujeito e sentido sustenta o pensamento de Pêcheux e daqueles que se alinham a essa concepção teórica. Essa ênfase na noção de discurso como materialidade da ideologia permite que ainda hoje possamos refletir sobre as línguas de madeira, de vento e de ferro[1] que marcam a nossa história e implicam as mudanças a que assistimos – hoje, mais do que nunca – ainda sem saber para onde vamos.

Nos últimos dez anos, a história mudou radicalmente: observamos a ascensão das chamadas fake news[2], a irrupção de novas formas de relações interpessoais através de redes sociais e a interação entre homem e máquina, através do uso da Inteligência Artificial. Esse cenário tem revolucionado as relações sociais e transforma nossa forma de ser e estar no mundo, modificando as condições de produção em que os discursos circulam. Desse modo, nós, sujeitos de linguagem, passamos a ser atravessados pelo "complexo campo" (Silveira, 2019, p. 37) que convencionamos chamar de digital. Assim, ancorados ao pensamento de Paveau, entendemos que "não se deve esquecer que o digital, como a democracia ou a sexualidade, é uma noção profundamente situada e não comporta nenhuma universalização" (Paveau, 2023, p. 27). Ou seja, não há como tomarmos o digital como um campo heterogêneo ou exterior às sobreposições da ideologia.

Assistimos às transformações dessa era ao mesmo tempo em que somos radicalmente atingidos pelos seus efeitos. Essa afirmação importa aos estudos discursivos, uma vez que pode transformar profundamente as redes de sentido e o modo de circulação de saberes e dizeres. Nossa hipótese é a de que surgem, no espectro de uma formação social capitalista neoliberal, novas posições-sujeito que se relacionam singularmente com o digital. Isso significa que os discursos produzidos na

[1] Falaremos mais detalhadamente sobre essa questão nas próximas páginas.
[2] Segundo Ortellado (2018), o termo *fake news* ganhou notoriedade no contexto da campanha presidencial americana, que ocorreu em 2016. Ainda que as notícias falsas sempre tenham existido, o termo se passou a se difundir, devido ao debate político e à cobertura midiática.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.14049

era digital podem produzir efeitos na historicidade, remanejando sentidos. Assim, perguntamo-nos: de que forma o sujeito fura espaço da discursividade digital e se marca na/pela linguagem? É a Análise de Discurso materialista e sua ideia de uma língua impossível que parecem orientar nosso percurso.

São nessas condições que procuramos entender a condição de sujeito na atualidade. Como a Análise de Discurso materialista pode colaborar para pensarmos novas formas de linguagem e de subjetividade na era digital? Como a relação entre sujeito e linguagem pode ser afetada por essas novas condições de produção? Essas são as questões centrais que guiarão nossa reflexão. Nas seções seguintes, discutiremos – através do movimento pendular próprio da Análise de Discurso – possíveis caminhos para entendermos a instauração de uma discursividade digital e seus efeitos na concepção de sujeito. Ao reunirmos um arquivo de textos que tratam a palavra como algo da ordem do (im)possível, objetivamos entender como as tendências produzidas na/pelo digital, como o "corte" de palavras, e as diretrizes de linguagem imprópria em plataformas e redes sociais, podem provocar reorganização do sujeito, em relação à forma como este lida com a linguagem.

1. Sujeito, língua e era digital

Para pensar a historicidade e as relações complexas que vivenciamos como sujeitos deste tempo, devemos compreender a mudança de uma sociedade disciplinar, na esteira do que nos diz Foucault (2008), para uma sociedade da produtividade, conforme o que afirma Han (2015). Desse modo, temos uma pista para percorrer um caminho e compreender como o discurso, produzido em condições de produção do digital, afeta o sujeito. Essas mudanças colocam o sujeito à deriva da relação entre linguagem e ideologia e nos provocam a pensar nas contradições estabelecidas pelo digital.

Essas reflexões são importantes para este trabalho, na medida em que podemos pensar como a "era digital" circunscreve o tempo aos sujeitos. A vida passa a ser digital, no sentido em que os sujeitos se comunicam, trabalham, têm seus momentos de lazer e ócio, dentro desse espaço. Não só isso: a linguagem passa a ser quase restrita a esse lugar, que delimita os sentidos e dá uma aparente nova configuração à nossa formação social.

No prefácio do livro *Por uma análise automática do discurso* (1969 [2010]), Françoise Gadet nos diz que uma das características principais da Análise de Discurso é a teoria do sujeito. A autora afirma que esse tema "deve ser visto como um lugar problemático, que deve ser constituído"

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.14049

(1969[2010], p. 9). A transformação da sociedade e da história nos mostra que o sujeito é efeito dessa transformação e o discurso nos revela as pistas dessa mudança.

Já em 1975, com a publicação de *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*, Pêcheux fala sobre o domínio teórico da Análise de Discurso, determinado por "três regiões interligadas", a saber "*a subjetividade, a discursividade e a des-continuidade das ciências/ideologias"* (2009[1975], p. 121-122, grifos do autor). Para o autor, "a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos", ou seja, "o indivíduo é interpelado como sujeito [livre] para livremente submeter-se às ordens do Sujeito, para aceitar, portanto [livremente] sua submissão..." (2009[1975], p. 124). Assim, Pêcheux nos mostra que a ideologia é um campo aberto: não há como um sujeito não se posicionar em seu discurso, ao mesmo tempo em que parece não haver possibilidades de insubmissão às ordens do outro. A pergunta, no entanto, que pretendemos responder é: a quais ordens os sujeitos estão sendo submetidos na "era digital"?

Assim, cabe-nos questionar o lugar que o sujeito ocupa na transformação histórica e ideológica que hoje estão alicerçadas nos novos espaços de circulação, que modificam ou nos fazem repensar esse lugar para o sujeito. Essas mudanças são profundamente atravessadas pelo domínio do algoritmo que, nas palavras de Paveau:

> Os algoritmos, que muitas vezes parecem ter uma existência própria e capacidades de decisão, são evidentemente criados por humanos, profissionais da informática, codificadores, programadores (Schmitt 2014b); mas os seus efeitos nos conteúdos da internet e, consequentemente, nas nossas vidas, são importantes (Paveau, 2023, p. 39).

Ainda que na referida publicação de 1981, Gadet e Pêcheux não estivessem falando do discurso digital e da imposição algorítmica, por óbvio, os autores nos dão pistas para pensar possibilidades de linguagem que dificultam o dizer e os sentidos. Ao analisar discursos neoliberais em confronto à crise do marxismo, os autores mencionam a "língua de madeira" e dizem que "a língua de madeira do direito se enrosca com a língua de vento da propaganda e da publicidade" (Gadet e Pêcheux, 2010 [1981], p. 23). Essa língua maciça revela a rigidez de um discurso que busca apagar a historicidade. Enquanto a língua de madeira representaria uma "forma política de denegar a política" (p. 24), a língua de vento permitiria à linguagem, em seu caráter publicitário, exercer o controle, ainda que esse controle não tenha um líder aparente. A língua de vento promoveria a dispersão de uma linguagem sem memória.

Nesse jogo em que a linguagem assume formas concretas de estabelecer a ideologia, a teoria materialista do discurso mostra que a reprodução/transformação das relações de produção se dá não apenas na base ideológica, mas considera também as determinações econômicas. Essa é uma questão

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.14049

importante para este trabalho, uma vez que estamos considerando a "era" digital, como um elemento que "abriga" todos os sujeitos de uma determinada formação social. Ainda que o acesso ao campo digital não seja homogêneo e uniforme, seus efeitos se dão sobre os sujeitos. Isso significa que as implicações econômicas (e, portanto, políticas) produzem efeitos sobre o sujeito.

Assim, as línguas do digital não parecem mais ser de madeira, ferro ou vento, justamente porque se imbricam em um (nem tão novo) espaço de circulação de dizeres que trabalha num jogo em que tenta transparecer as palavras, ao mesmo tempo em que obscurece os sentidos. Se o digital produz uma "mudança na relação da ordem simbólica com o mundo", como afirma Dias (2016, p. 9), os dizeres, constituídos nas condições de produção atravessadas pelo digital, também se modificam e também fazem modificar o sujeito que produz sentido. Ou seja, faz com que a relação do sujeito e o conhecimento produzido no/pelo digital esteja relacionada a "um funcionamento específico da memória, cuja natureza é digital" (Dias, 2016, p. 9).

Segundo Dias, o digital provoca uma mudança na "discursividade do mundo", o que a autora chama de "digitalização do mundo, ou seja, práticas de linguagem que tendem à metaforização das relações sociais e das práticas dos sujeitos que, por meio do acesso deslocam o campo da "luta" para uma inscrição na forma digital" (2016, p. 10). A autora afirma que o dizer passa a ser inscrito em condições de produção que são afetadas grandes corporações de tecnologia. O discurso passa a ser formado e conformado pelo digital.

Sobre a questão do digital, Orlandi (2013) já enunciava um atravessamento daquilo que nomeou como "memória metálica", ou seja, a memória que se constitui a partir/no digital, a partir das máquinas. Essa constituição faz efeito no sujeito e no sentido. Segundo a autora:

> A partir do princípio discursivo do trabalho do político, levamos em conta o fato de que o sentido é sempre dividido, tendo uma direção que se especifica na história, pelo mecanismo ideológico de sua constituição; há simbolização das relações de força, de poder, que se estabelecem na divisão própria à sociedade capitalista. Ligam-se aí três noções: o político, o histórico (o Outro, a memória, o interdiscurso) e o ideológico. A sociedade não é inerte (ORLANDI, 2012a) e a formação social é constituída de relações que resultam, em última instância, dos modos de individuação dos sujeitos pelo Estado, relações que são de natureza político-social, simbolizadas (Orlandi, 2013, p.6).

A autora diz que, nessas condições de produção da "era digital", "emerge uma nova materialidade discursiva para falar da realidade e um novo real surge" (Orlandi, 2013, p. 9). É nesse caminho que assistimos, para usar uma expressão de Dufour (2005), é uma "fratura na modernidade", já que a relação dos sujeitos com a história passa a ser atravessada e afetada pelo digital.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.14049

O autor investiga como o sujeito está mudando na pós-modernidade, esse espaço-tempo que dessimboliza o mundo, transformando todo e qualquer sujeito em um produto. Assim, junto com o desaparecimento da história e seus símbolos, há uma padronização da subjetividade. Ou seja, a mudança na discursividade, apontada por Dias, pode também nos dar indícios de uma transformação na uma relação do/com o próprio sujeito.

Somada a essa ideia de uma sociedade interpelada pelo digital, a qual nos parece impossível nos recusarmos a viver, trazemos as reflexões de Han (2015). O autor diz que estamos inseridos na em uma nova lógica social e demonstra que a sociedade disciplinar desenhada por Foucault, "feita de hospitais, asilos, presídios e fábricas" (Han, 2015, p. 23), que instituía, até então, um sujeito da obediência, está dando lugar a uma "sociedade do desempenho", em que os sujeitos são, em suma, "empresários de si mesmos" (ibdem, p. 23).

O autor diz que o desejo de maximizar a produção é um indicativo de uma mudança de paradigma, ou seja, da mudança de uma sociedade disciplinar para uma sociedade de desempenho. De acordo com Han:

> Para elevar a produtividade, o paradigma da disciplina é substituído pelo paradigma do desempenho ou pelo esquema positivo do poder, pois a partir de um determinado nível de produtividade, a negatividade da proibição tem um efeito de bloqueio, impedindo um maior crescimento. A positividade do poder é bem mais eficiente que a negatividade do dever. Assim o inconsciente social do dever troca de registro para o registro do poder. O sujeito de desempenho é mais rápido e mais produtivo que o sujeito da obediência (Han, 2015, p.25).

Ao explicar como o sujeito do desempenho acaba sendo "submisso a si mesmo" (ibdem, p. 29), tendo uma liberdade imaginária de atuação, é possível que tracemos um paralelo com o escopo teórico da Análise de Discurso, especificamente em relação à noção de forma-sujeito. Para Pêcheux

> A interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito): essa identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito apóia-se no fato de que os elementos do interdiscurso (sob sua dupla forma, descrita mais acima como "pré-construído" e "processo de sustentação") que constituem, no discurso do sujeito, os traços daquilo que o determina, são re-inscritos no discurso do próprio sujeito (Pêcheux, 2009 [1975], p. 150).

Se estamos sob o domínio de uma formação social capitalista neoliberal, em que o sistema político-econômico se confunde em si mesmo, o discurso do Outro passa a ser um discurso do Mercado. Linguagem e sujeito se tornam mercadorias construídas e reconstruídas conforme as determinações da era digital. Talvez a própria linguagem possa ser vista como uma mercadoria a qual o sujeito controla como quer (e, por isso, molda as palavras, subtrai as sílabas, como veremos mais adiante).

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.14049

Conforme Dufour (2005, p. 24), “não podemos fazer pouco caso de que ser sujeito hoje se apresenta sob uma modalidade bastante sensivelmente diferente do que era para as gerações precedentes”. Para o autor, não estamos mais falando de um mesmo sujeito de uma geração atrás porque a condição de sujeito está relacionada à historicidade: “provavelmente acabamos de atravessar, a esse respeito, um limite importante, ao qual grandes instituições (políticas, educativas, de saúde física e mental, de justiça...) são particularmente sensíveis” (Dufour, 2005, p. 24).

É dessa forma que, afetada pela relação com a história, a ideologia e o inconsciente, a Análise de Discurso materialista é uma teoria que nunca se esgota. Ainda que sua fundação remonte aos anos 1960, essa corrente teórica tem se estabelecido de forma cada vez mais atual e necessária para pensarmos as transformações do nosso tempo. O discurso passa a ser o campo em que é possível entender como esses sentidos são remanejados já que é

> o objeto que nos permite observar as relações entre ideologia e língua, bem como os efeitos do jogo da língua na história e os efeitos desta na língua. É através do discurso que se vai compreender como um material simbólico produz sentidos e como o sujeito se constitui (Leandro-Ferreira, 2003, p. 193).

Pensando que o discurso é o modo de “acesso” ao sujeito, entendemos esse espaço como uma forma de tensionamento de dizeres, de um confronto de sentidos que nos permite olhar e identificar novos processos. Nosso objetivo é compreender como possíveis novas posição(ões)-sujeito se articula(m) ao desenho da formação social atravessada pelo digital. Especificamente, desejamos entender essa nova forma de subjetivação e seus efeitos no discurso, analisando rupturas, estranhamentos ou ressonâncias, de modo a pensar nos efeitos da discursividade.

Ao utilizar o digital como meio para comunicar-se a apresentar-se no mundo, é preciso diferenciar, segundo Paveau, a produção de linguagem “na máquina” e “da máquina”. Conforme a autora, a produção da máquina é, “uma evolução inédita na história da linguagem, que as ciências da linguagem não devem negligenciar” (Paveau, 2023, p. 33). Ou seja, as elaborações de Paveau, a respeito do digital, refletem também uma necessidade de olhar para o contemporâneo como um espaço que produz efeitos na linguagem e no sujeito.

Na esteira do pensamento de Paveau, perguntamo-nos o quanto o sujeito resiste à máquina ao instituir um gesto de escrita que pretende desviar da configuração algorítmica, isto é, trapaceia a língua: “característica do discurso que permite, sem sair da língua (mas quando se sai?), contrariar a obrigação da língua” (Gadet, 2016 [1980], p. 197). É desse modo que propomos pensar a língua de bruma.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.14049

2. Análises na língua de bruma

Na Análise de Discurso, o movimento metodológico está relacionado aos pressupostos teóricos. Por isso, em nossos estudos, adotamos a ideia de "movimento pendular", conforme Orlandi (2012), como uma forma de pensar a relação da rede de conceitos que suportam essa teoria e o nosso objeto de análise. Dessa forma, para pensarmos em um "método", é preciso que possamos estabelecer um *corpus* de análise. O *corpus* apresentado aqui foi pensado considerando a discursivização dos sujeitos na "era digital", verificando os efeitos desse discurso nas produções de linguagem. No entanto, nosso corpus faz parte de um arquivo em constante construção, dada a dissipada natureza de nosso objeto de pesquisa.

Por isso, a constituição desse *corpus* discursivo para a análise não é linear, conforme afirma Mittmann (2007, p. 158). Para a autora, "não há uma passagem natural da dispersão do arquivo à seleção de texto do nosso corpus empírico e deste à organização das sequências discursivas que formam nosso corpus discursivo". Desta maneira, a seleção dos elementos linguístico-discursivos para análise deverá passar pelo confronto entre o *corpus* e os conceitos teóricos constituídos nesse percurso analítico. Devido a isso, as considerações metodológicas devem ser construídas em conjunto com os pressupostos teóricos, ou seja, o olhar do analista deve consistir em uma abordagem teórico-analítica, em que a construção do dispositivo teórico esteja em consonância com a análise do *corpus*.

Conforme Leandro-Ferreira (2003, p. 199), "do modo como o analista de discurso entende a língua vão decorrer efeitos de sentido que afetarão os procedimentos de análise". Assim, como analistas, nosso olhar para um objeto é definido a partir de um modo particular e fundamentado teoricamente, de modo que as respostas às nossas inquietações possam ser, não exatamente respondidas, mas contornas, delineadas em relação ao modo como a ideologia atravessa os dizeres.

Para delinear tais inquietações, temos especial interesse em compreender materialidades discursivas que são produzidas no campo digital, produzindo efeitos no sujeito. Intentaremos explicar como essas articulações dão pistas de um modo de organização próprio desse discurso. Para isso, trabalharemos com a definição de *corpus de arquivo*, definido por Courtine (2009) como aqueles "constituídos de materiais preexistentes, como aqueles com os quais, por exemplo, os historiadores são confrontados" (Courtine, 2009, p. 77).

Para construir nossa análise, selecionamos textos que apontam transformações na própria linguagem, em condições de produção afetadas pelo digital. Para darmos início a esse gesto analítico, citamos as transformações feitas na língua por usuários da rede social TikTok, que foram amplamente divulgadas pela mídia. A partir da leitura de uma notícia sobre crianças que estariam falando palavras

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.14049

sem as últimas sílabas, refletimos sobre como tal comportamento deriva de uma tendência das redes sociais que, por sua vez, é efeito da influência de youtubers e outros influenciadores digitais nas redes sociais. E, assim, assistimos às mudanças na relação sujeito-linguagem e sobre o efeito-sujeito que advém daí.

Pensamos nos efeitos que essa discursividade provoca. Novas formas de falar, de falar de si ou do outro, somadas a condições de produção digitais podem fazer com que estejamos – enquanto sujeitos de linguagem – passando por uma profunda transformação na concepção subjetiva. Quem é esse sujeito submetido aos desígnios de um outro que está ao alcance das pontas dos nossos dedos? Quem passamos a ser a partir dessa subjetividade construída e demandada num lugar abstrato ocupado pelo digital?

Em uma das matérias jornalísticas acessadas, vemos o seguinte título [SD1] "*Trend do corte seco: imitando youtubers, crianças 'comem' sílabas ao falar e 'desesperam' pais e professores*". Na linha de apoio do texto, lemos: *"Alunos de 6 a 12 anos falam: 'Quero comer hambúr!' ou 'Vou para escó', por exemplo. Entenda se brincadeira pode trazer prejuízos para o desenvolvimento cognitivo na infância*"[3].

Em outra notícia[4], lemos o seguinte: [SD2] "*Trend do Corte Seco: crianças cortam palavras e preocupam pais e professores*". Ao longo do texto, recortamos o seguinte trecho: "*Por influências ligadas ao uso excessivo de celulares e tablets, algumas crianças e adolescentes passaram a falar de um jeito peculiar: cortando as últimas sílabas de algumas palavras. Em vez de falar "Agora eu vou estudar", elas dizem "Agora eu vou estu". E a frase "Eu quero almoçar frango" vira "Eu quero almoçar fran". A moda tem até nome: é o 'trend do corte seco'*."

Na SD1, vemos a menção da palavra "comer" com o uso de aspas para se referir ao gesto de "corte" das palavras, mostrando, a partir de um gesto metafórico, como a língua está sujeita a um entre-lugar, ou seja, um modo de falar sobre a afetação do digital que ainda não se sabe muito bem quais são os efeitos. O mesmo uso entre aspas se repete em "desesperam" que parece não ser a palavra exata, que é atenuada (talvez não seja tão desesperador assim).

Já na SD2, lemos "cortar palavras" e "preocupar pais e professores", que transparece um sentido um pouco mais próximo ao fenômeno, no sentido que que as crianças propositalmente tentam cortar a sílabas das palavras. É preciso mencionar o quanto "cortar" as palavras pode ser desafiador

[3] Disponível em: < https://g1.globo.com/educacao/noticia/2024/10/25/trend-do-corte-seco-imitando-youtubers-criancas-comem-silabas-e-desesperam-pais-e-professores.ghtml>. Acesso em 15 de out. 2025.
[4] Disponível em: < https://cbn.globo.com/tecnologia/noticia/2024/11/02/trend-do-corte-seco-criancas-cortam-palavras-e-preocupam-pais-e-professores.ghtml>. Acesso em 15 de out. 2025.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.14049

ou contrário à ordem natural da língua. Não estamos falando de uma variante linguística ou de modos de economia linguística, próprios à evolução das línguas. Estamos falando de um sujeito que, atravessado pelas injunções do digital, "escolhe" produzir uma nova forma de linguagem. Ainda que não seja o foco de nosso trabalho, é preciso mencionar o quanto a mídia demonstra o modo como pais e professores deveriam agir no controle das redes, deixando ao professor (também!) a tarefa de controle da linguagem, já que, como imaginariamente propagadores da norma, os professores também devem zelar pela correta circulação das palavras.

Nas sequências discursivas mencionadas acima, questionamo-nos: quando os sujeitos passam a "cortar" palavras para se comunicar em uma rede social, estamos diante de qual concepção de sujeito? Como esses efeitos transformam/produzem posições de sujeito novas?

A "brincadeira" de cortar as palavras não é só uma preocupação de pais e professores, portanto. Revela o atravessamento de uma língua que não diz nada, apenas repete parafrasticamente aquilo que virou a "trend", ou seja, a tendência. É o sujeito da produtividade que repete o que deve ser repetido, o que "viraliza" e gera a sensação de pertencimento, na sociedade do desempenho.

Além dos exemplos do chamado "corte seco", podemos também citar as políticas de linguagem da plataforma YouTube. Em pesquisas preliminares, foi possível observar que, nesta plataforma, palavras são consideradas "polêmicas" ou "perigosas", por engendrarem sentidos relacionados à violência ou a crimes. Uma das formas de impedir a circulação de vídeos violentos ou que possam fomentar o crime é a criação de uma política de linguagem. Para fugir dessa imposição, os usuários passam a produzir uma escrita que é formada não apenas por letras, mas também por números e/ou algarismos e caracteres diversos, de forma a evitar o banimento do usuário pela plataforma ou a restrição da divulgação de vídeos. Mas, uma mirada mais aprofundada às diretrizes dessa plataforma revela que palavras que não necessariamente designam sentidos comumente relacionados à violência também são capturadas pelas políticas de linguagem.

A exemplo disso, citamos o caso das diretrizes de conteúdo adequado para publicidade no YouTube[5], que trata dos vídeos feitos pelos criadores de conteúdo que são considerados adequados para publicidade. Na seção "linguagem imprópria", uma tabela com alguns exemplos é apresentada. Destacamos alguns trechos:

[SD3] "*Conteúdo que pode gerar receita de publicidade - Linguagem obscena abreviada ou disfarçada e palavras como "inferno" ou "droga" no título, na miniatura ou no vídeo. Linguagem*

[5] Disponível em: < https://support.google.com/youtube/answer/6162278?hl=pt-BR#zippy=%2Cdetalhes-da-pol%C3%ADtica>. Acesso em 16 out. 2025.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.14049

obscena moderada, como "vadia", "droga", "babaca" e "merda", usada com frequência no vídeo. Linguagem obscena usada em músicas ou vídeos de stand-up de comédia". A tabela cita como exemplos de linguagem obscena: "*Linguagem obscena disfarçada" se refere a tentativas de encobrir um palavrão com efeitos sonoros ou um texto com faixas, símbolos ou efeitos durante a edição e "Linguagem obscena abreviada" se refere a siglas como "PQP" ("p*ta que pariu")*".

[SD4] "*Conteúdo que pode gerar receita de publicidade limitada ou nenhuma receita - Linguagem obscena moderada, como "merda", no título ou na miniatura*". Os exemplos citados englobam o "*uso frequente de linguagem obscena durante um vídeo, por exemplo, na maioria das frases; linguagem obscena no título ou na miniatura da música ou em conteúdo de stand-up de comédia*".

[SD5] "*Conteúdo que não vai gerar receita de publicidade - Linguagem obscena mais pesada, como palavrões, em miniaturas ou títulos. Uso de linguagem obscena extrema, inclusive insultos e palavras de ódio, no vídeo, na miniatura ou no título. Exemplos: "cr***lo" ou "v**do".*" O exemplo dessa categoria é o "*uso da linguagem de ódio no vídeo*".

As sequências discursivas de que tratam as SD3, SD4 e SD5 são exemplos de uma concepção autoritária da linguagem que parece circunscrever o digital a uma conformidade política, em uma visão da língua ajustada à língua de madeira, do controle. No entanto, as próprias diretrizes demonstram a equivocidade material, ao escrever/inscrever a língua como possibilidades outras, ao nomear palavras a partir do uso de asteriscos. São palavras deslizantes, que dizem uma coisa para significar outra.

Mais do que isso, inscrevem, sob a lógica do capital, quais palavras podem "gerar receita", isto é, podem fazer com que os vídeos sejam mais ou menos rentáveis financeiramente. As palavras passam a ter um valor monetário e adquirem, junto ao sujeito, o status de produto. A ideia da palavra como conteúdo também revela um imaginário transparente de língua, em que as palavras revelariam seu conteúdo de forma inequívoca.

Na SD3, observamos o exemplo de uma palavra como "droga" como uma "linguagem obscena disfarçada" ou "linguagem obscena moderada". Perguntamo-nos, no entanto, como seriam os casos de vídeos jornalísticos que desejem divulgar uma matéria sobre o tráfico de drogas, por exemplo. Esse vídeo sofreria as sanções da "desmonetização"? Como, sem considerar as condições de produção, o discurso digital sabe se uma palavra como "droga" está relacionada à linguagem considerada "obscena" ou à linguagem jornalística, que pretende divulgar determinado acontecimento?

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.14049

No entanto, esse saber é atravessado pela falha na língua. O próprio dizer sobre o digital reconhece a existência de formas não-lineares linguisticamente, mas que produzem efeitos no dizer. A exemplo da SD5, podemos dizer que os sujeitos falantes da língua sabem o que significa *"cr***lo",* ainda que essa palavra não se apresente "integralmente" ao texto. Ou seja, o discurso escapa às determinações do algoritmo e constitui sentido.

Da mesma forma, os sujeitos-usuários trapaceiam a língua, escrevendo palavras como" "b4l3ad4" "t1r0te10" "at1ng1d4" e "f3r1m3nt0s", como em uma notícia sobre um caso violência em uma grande cidade. Ou seja, de alguma maneira, o espaço digital controlado e rígido é furado, instituindo uma (outra) materialidade possível.

Os trechos citados constituem exemplos de um trabalho com o arquivo, que é constituído a partir do digital, que apontam para esse estremecimento nas relações subjetivas que são produzidas a partir da/pela era digital. As transformações da linguagem (a substituição, a falta, o estranhamento), engendradas nessas condições de produção mobilizam novas posições de sujeito e passam a circunscrever discursividades outras.

Possíveis conclusões

Com base nas inquietações propostas neste trabalho, intentamos mostrar – ainda como um gesto inicial de nosso trabalho – como, da perspectiva da Análise de Discurso materialista, podemos pensar a emergência de uma nova forma-sujeito que se relaciona com a ideologia a partir das condições de produção alicerçadas no digital.

Em nosso gesto de leitura do corpus mencionado, recorremos à análise de um discurso que se apresenta como cada vez mais parte ou tomando parte de nossas vidas. Há um atravessamento ideológico presente no digital, que revela um confronto da língua que se pretende transparente com a língua de bruma, que opacifica os sentidos e põe o sujeito à deriva do dizer.

A língua de bruma, nesse aspecto, converge-se como uma análise possível para entender como o digital tenta arregimentar o sujeito, confundindo-o, deixando-o entrever o que é e o que não é, o que pode e o que não pode. É uma língua que trabalha na dissipação dos sentidos e exige que o sujeito, a todo momento, esforce-se para continuar a ver.

Informações complementares

Declaração de contribuição por autora

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.14049

Conceitualização
Metodologia
Administração do Projeto
Escrita – esboço original
Escrita – revisão e edição

Conflito de Interesses

O(s) autor(es) não tem/têm conflitos de interesse a declarar.

Declaração de Uso de IA

O(s) autor(es) declaram que nenhuma ferramenta de IA foi utilizada na criação deste manuscrito nem em qualquer aspecto dos trabalhos realizados cujo resultado está reportado no manuscrito.

Link para Preprint

https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/14049
DOI: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.14049

Declaração de Disponibilidade de Dados

Os dados, códigos e materiais que suportam os resultados deste estudo estão disponíveis abertamente em Zenodo através do DOI http://doi.org/10.5281/zenodo.18355873, em formato que permite ser lido e processado automaticamente por computador. Esses dados foram derivados dos seguintes recursos acessíveis publicamente na internet: https://g1.globo.com/educacao/noticia/2024/10/25/trend-do-corte-seco-imitando-youtubers-criancas-comem-silabas-e-desesperam-pais-e-professores.ghtml, https://cbn.globo.com/tecnologia/noticia/2024/11/02/trend-do-corte-seco-criancas-cortam-palavras-e-preocupam-pais-e-professores.ghtml e https://support.google.com/youtube/answer/6162278?hl=pt-BR#zippy=%2Cdetalhes-da-pol%C3%ADtica. O corpus foi coletado de recursos acessíveis publicamente na internet no dia 23 de janeiro de 2026. Para mitigar mudanças e indisponibilidades, foi depositada uma versão preservada do material efetivamente analisado em repositório via DOI. As URLs originais são: http://doi.org/10.5281/zenodo.18355873.

Referências bibliográficas

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.14049

CBN. **Trend do corte seco: crianças cortam palavras e preocupam pais e professores**. Rio de Janeiro: Globo, 02 nov. 2024. Disponível em: https://cbn.globo.com/tecnologia/noticia/2024/11/02/trend-do-corte-seco-criancas-cortam-palavras-e-preocupam-pais-e-professores.ghtml. Acesso em: 26 jan. 2026. DOI: 10.5281/zenodo.18355872

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político:** o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

DIAS, Cristiane. A análise do discurso digital: um campo de questões. **Redisco**. Vitória da Conquista, v. 10, n. 2 . p. 8-20. 2016.

DUFOUR, Dany-Robert. **A arte de reduzir as cabeças**: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal. Tradução de Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeira: Companhia de Freud, 2005.

HAN, Byung-Chul. **A sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O caráter singular da língua na análise do discurso. **Organon**, Porto Alegre, v. 17, n. 35, 2003, p. 189-200.

FOUCAULT, Michel.**Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel. Ramalhete. 35ª ed. Petrópolis, Vozes, 2008.

GADET, Françoise. Trapacear a língua (1980). In: CONEIN, B.et al. **Materialidades discursivas**. Campinas: Editora da Unicamp, 2016. p. 185-200

GADET, Françoise.; PÊCHEUX, Michel. **A língua inatingível**: o discurso na história da linguística (1981). Campinas: Pontes, 2010.

GOOGLE. **Políticas de conteúdo do YouTube.** Google, [s.d.]. Disponível em: https://support.google.com/youtube/answer/6162278?hl=pt-BR#zippy=%2Cdetalhes-da-pol%C3%ADtica. Acesso em: 26 jan. 2026. DOI: 10.5281/zenodo.18355872

GLOBO. **Trend do corte seco imitando youtubers: crianças "comem" sílabas e desesperam pais e professores**. Rio de Janeiro: Globo, 25 out. 2024. Disponível em: https://g1.globo.com/educacao/noticia/2024/10/25/trend-do-corte-seco-imitando-youtubers-criancas-comem-silabas-e-desesperam-pais-e-professores.ghtml. Acesso em: 26 jan. 2026. DOI: 10.5281/zenodo.18355872

MITTMANN, Solange. Discurso e texto: na pista de uma metodologia de análise. In: FERREIRA, Maria Cristina e INDURSKY, Freda. **Análise do Discurso no Brasil:** mapeando conceitos, confrontando limites. São Paulo: Claraluz, 2007. p. 153-162.

ORLANDI, Eni. A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico. In. DIAS, Cristiane. **Formas de mobilidade no espaço e-urbano:** sentido e materialidade digital [online]. Série e-urbano. Vol. 2, 2013, Disponível em: http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano. Acesso de 27 fev. 2025.

ORLANDI, Eni. **Análise do discurso:** princípios e procedimentos. 10ª ed. Campinas: Pontes, 2012.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.14049

ORTELLADO, Pablo. Três desafios para regular a circulação de notícias falsas. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 16 jan. 2018. Disponível em https://www1.folha.uol.com.br/colunas/pablo-ortellado/2018/01/1950799-tres-desafios-para-regular-a-circulacao-de-noticias-falsas.shtml. Acesso em 27 fev. 2025.

PAVEAU, Marie-Anne**. Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 4ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

SILVEIRA, Juliana. Sujeitos ordinários e efeito-rumor: discurso, arquivos e tecnologia. In: FLORES, Giovanna Benedetto [et. al.]. **Análise do discurso em rede**: cultura e mídia – vol. 4. Campinas: Pontes, 2019. p. 37-58.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença Creative Commons CC-BY.
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.